

Ronaldo Luís G. Campello
Mestre em Educação em Linguagens Verbo Visuais e suas Tecnologias - IFSul Pelotas; Pós-Graduado em Educação - Formação de Professores; Pós-Graduando em Linguagens Verbo Visuais e suas Tecnologias - IFSul Pelotas; Professor Anos Iniciais Ensino Fundamental Magistério Estadual.

Professor-flâneur-cartógrafo-pesquisador...

Professor-Flâneur-Cartographer-Researcher...

Resumo: Assim como o pássaro que alça voo, ou como quando pousa em distinta superfície e de sua distância observa, deve ser/agir o professor-flâneur-cartógrafo-pesquisador que repensa suas práticas. Deve tomar distância e pousar os olhos sobre seus modos de ser, seu corpo-didático-estudantil, sua professoralidade (PEREIRA, 1996) e olhar de outro lugar suas práticas cotidianas. Neste texto se faz uma abordagem do método cartográfico Deleuzguattariano, sugerindo uma aproximação ao conceito de flâneur primeiramente proposto por Baudelaire, mais tarde por Benjamin. Sempre à espreita como se propõe estar o cartógrafo, como se propõe o flâneur, a andarilhar.

Palavras chave: Cartografia; Formação; Escrita-leitura; Cartas pessoais; Flâneur.

Abstract: *As a bird takes flight, or as when it lands on a distinct surface and from a distance observes, this is how the professor-flâneur-cartographer-researcher who is rethinking his practices must be/act. He should be at a distance and perch his eyes on his ways of being, on his student-teaching-body, his professorality (PEREIRA, 1996) and look at his everyday practices from another place. This paper deals with Deleuze and Guattari's cartographical method, suggesting an approach to the concept of the flâneur, first proposed by Baudelaire, later by Benjamin. Always on the watch as to how one may propose being the cartographer, as the flâneur proposes, to wander.*

Keywords: *Cartography; Education; Writing-reading; Personal letters; Flâneur.*

Escrever acontece a partir do encontro que se tece com a leitura, dos encontros com os corpos dos outros e conosco mesmo. Escrever parece simples, mas não é. Este texto perpassa a discussão por uma atividade de ensino começada no ano de 2014, a partir de minha docência em uma Escola Técnica Estadual, no bairro Fragata, na cidade de Pelotas – RS, que ganha vida, corpo e formas ao ser desencadeado por um agenciamento de experiências e um acontecimento de sala de aula. Torna-se projeto de extensão no mesmo ano: “*As cartas que escrevo. Correspondências físicas na era digital. Uma metodologia interdisciplinar de ensino e aprendizagem*”, ganha força em 2015/16, enquanto pesquisa, e toma outro nome ao ser pensada/investigada no Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia – MPET, do Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFSUL campus Pelotas: “*Cartas para ler e escrever: Cartografando uma prática de ensino*”. Deste modo, propõe situar o leitor acerca dessa pesquisa que cartografa a troca de cartas entre estudantes, a partir de práticas interdisciplinares de escrita e leitura desenvolvidas com dois grupos de alunos de dois 5º anos do ensino fundamental, um da referida escola estadual, e outro de uma escola do interior do município de Piratini – RS. O material cartografado é o processo que ocorreu comigo ao longo da escrita da dissertação em relação às escritas das cartas dos dois grupos de estudantes.

Não obstante, este texto trata de, enquanto um recorte desta pesquisa, abordar alguns conceitos cartográficos que surgem em meio à caminhada nômade que se fez por entre tudo aquilo que foi substância/matéria/conteúdo, para pensar a escrita desta dissertação que não possui faces, pois vai se constituindo ‘ainda’ dia a dia definindo/compondo, deste modo, este professor-flâneur-cartógrafo-pesquisador...

Cynthia Farina
Doutora em Ciências de la Educación - Universidad de Barcelona (2005), Pós-doutorado em Educação (2012) – PPGEdU da PUC-RS, Mestre em Educação (UFPel, 1991; 1999). Professora Titular Programa de Pós-graduação em Educação, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense, Campus Pelotas. Atua como professora convidada, colaboradora e pesquisadora de programas de pós-graduação na Argentina e Colômbia. Líder do Grupo interinstitucional Pesquisa Educação e contemporaneidade: experimentações com arte e filosofia - EXPERIMENTA.

São conceitos que surgem para resistir e valorizar as narrativas deste professor-cartógrafo e também de seu grupo pesquisado, o total mergulho neste oceano conceitual e também nas escritas provocadas/tecidas ao lado de hoje, amigos, mas também escritas/tecidas na mais repleta e povoada solidão de meu verbo.

DA PALAVRA QUE GANHA CORPO E FLANA POR ENTRE LINHAS...

Imaginemos varias personas leyendo un poema. El poema que leen es el mismo, pero la lectura es, en cada caso, distinta. Podemos decir, entonces, que esas personas leem e y no leen lo mismo poema. El poema es el mismo si lo tomamos com texto: es textualmente idéntico en todo los casos. Por tanto: todos leen lo mismo. Pero la lectura, La experiencia de la lectura es, para cada cual, la suya. Por tanto: nadie le el o mismo. (LARROSA, 2006, p. 12)

*Em Silêncio
e discreto como em um mudo assombro o pássaro observa
com paciência, desejo e vontade, e com seus olhos negros
como a noite
ele aguarda, espera que enfim no corpo caído ao chão, o ar de seus
pulmões o abandone...
Corpo caído ao sol, que borra a rotina com seu vermelho rubro
Corpo caído que vivo foi um corpo de mentiras, um corpo de dor
Em silêncio o pássaro espera...
Ele sabe que saciará suas vontades, seus anseios,
se excitará em meio a carne ainda macia
saciará sua sede no sangue ainda doce
Em silêncio ele observa o cortejo de outros corpos*

*que se alinham para sorrir da tragédia, imóveis...
Mas, a fome atormenta, somente um ela consome,
o outro seus pensamentos em delírio dilaceram sua alma rasgando-
-lhe a carne
Ele sente as garras,
a dor é angustiante, navalhas destroçando vergonhas
as poucas vestes que ainda o cobrem
Mas o mal que ele faz...
o bem que proporciona, liberta...
O mal que fiz,
Sofrer, tentar estender a mão, gritar, é impossível...
calar como em um mudo assombro
em silêncio, em desespero e dor
observar o Barqueiro...
Aquieta-te ó passageiro, estás a atravessar o Aqueronte
não a volta para aqueles que nesta nave embarcam
observe o turbilhão de outros que aqui também sofrem
O sangue já coagulando sacia a sede
A carne agora tem outro sentido/sabor, um outro valor
o que um dia proferiu falácias, hoje apodrece,
de alimento serve e a outrem não se faz entender*

À ESPREITA...

Assim como, quando o pássaro que alça voo e toma distância e observa, e/ou como quando pousa em distinta superfície e, põe-se a observar a multidão, a paisagem os corpos de outros que também se propõem observar, mas, que não se percebem observados por aquele que sobrevoa e assenta as asas sobre si e se coloca à espreita, pássaro preto, corvo, que deseja se alimentar. Deste modo, deve ser/ agir o professor, deve pensar ser um professor-pesquisador que re-

pensa seus métodos, aqueles enferrujados e corroídos, carcomidos pelo tempo que ajusta sobre si o peso das responsabilidades. Deve tomar distância e pousar os olhos sobre seus modos de ser, sobre seu corpo didático, estudantil, sua professoralidade, (PEREIRA, 1996) e olhar de outro lugar suas práticas cotidianas...

Seu corpo/campo de pesquisa, que é a sala de aula, seus estudantes, manancial, território fértil por onde se promovem agenciamentos diários, ali onde, práticas menores escapam; abrem fissuras no instituído, é o miúdo, é aqui que devem ser pensadas ou ainda somente flunar/cartografar sua experiência, só isso já é muito. Agenciamentos formam territórios, “o território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir”. (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 323), reconstruindo-se novamente, mas desta vez em algo novo, que ainda não foi experienciado, produzindo novas linhas de fuga onde estas não consistem nunca em fugir do mundo, “mas antes em fazê-lo fugir, como se estoura um cano”, Deleuze & Guattari (1996, p.72).

Buscando inspiração nos escritos de Charles Baudelaire, poeta francês, teórico e crítico de arte e seu ‘*flâneur*’; Poe e seu ‘Homem da multidão’ e também seu ‘Corvo’, para a escrita do poema ‘em silêncio’ que surge neste texto e trazem elementos para arrostar com o professor que pode ser cartógrafo-*flâneur*, ou professor-*flâneur*-cartógrafo-pesquisador, que andarilha sempre à espreita, observando possíveis linhas de fuga, pelas trilhas e sendas, e vias que surgem em meio ao processo de pesquisa cartográfico.

Nestas linhas se faz uma abordagem sobre o método cartográfico de pesquisa, proposto por Deleuze e Guattari, sugerindo uma aproximação ao conceito de *flâneur* que surge primeiramente em 1800 nos escritos de Baudelaire, mais tarde nos escritos de Walter Benjamin tais como Paris, *Capital of the Nineteenth Century* (1986) e

On some motifs in Baudelaire (1939).

Pensar a aproximação, deslizar entre essas ideias é cartografar-flanar, seguir uma linha de fuga, deambular por entre caminhos de leitura e escrita que podem gerar encontros, proporcionar ideias, assim constituindo-me como cartógrafo-*flâneur*. Aquele que perambula por entre as linhas das palavras criadas nos textos, e as linhas de fuga que escapam do entre, do estar à espreita, do ser capturado por um encontro em dado momento. “Alguém à espreita é alguém aberto à turbulência do ‘fora’, se dispõe às afetações, atento ao inesperado. A qualquer momento alguma coisa pode acontecer; e não se sabe o quê”, (VASCONCELOS, 2007, p. 1). Estar à espreita envolve o mover-se em meio a..., dentro de..., envolve o risco de criar e criar-se, ser tocado por..., tocar em... É observar com olhar aguçado, sensível, perceber os mínimos por menores que não se mostram, é entregar-se a paisagem e compor com ela, desconstruir e fazer-se nela...

TRILHAR CAMINHOS, ANDARILHAR E OBSERVAR, ESTAR À ESPREITA, CRIAR, CARTOGRAFAR...

Dante vagando perdido em seus pensamentos se afastou enormemente de seu percurso. Encontrou Virgílio em um território escuro e sombrio, onde uma enorme fera o espreitava. Era o princípio da jornada de ambos no inferno. Dante carrega consigo dúvidas, um enorme amor por Beatriz e pela vida, e reencontra neste local personalidades as quais nunca esperou encontrar. O caminho foi de aprendizado, de dor e de reconforto, construção, desconstrução e reconstrução. Andarilhar por entre textos literários, escrita epistolar, artigos científicos, revistas de ficção, é criar rizomas, criar na/pela escrita linhas de fuga, caminhos, tocas por onde andam os pensamentos, oceanos por onde navegam as naus, linhas aferentes/eferentes que levam e trazem experiências, sensações, toques, encontros, possibilidades, a

epiderme com o dentro e o fora se fazendo com o todo, o corpo que se faz sentir no encontro, pela superfície lisa ou rugosa da pele. Ratos, uns sobre os outros em suas tocas, indo e vindo, vermes sobre corpos que se desfazem, e se reconstróem.

Sempre à espreita como se propõe estar o cartógrafo, assim como se propõe o *flâneur*, que se dissolve em meio às multidões desejo encontros, ideias, inspiração para enveredar-me por entre os caminhos possíveis de produzir sentido, ou corroborar com o processo de formação ao qual busco como docente.

Vale ressaltar que toda pesquisa que se empreende, e visa-se ocupar o pensamento, é uma viagem no qual o pesquisador embarca, é um percorrer caminhos já percorridos, pois de alguma forma percebeu-se algo 'novo' que ainda não foi vislumbrado ao longo da trilha já andada por ele mesmo. De alguma forma, quando se esta em viagem há sempre algo que se apresente de forma original, são novas impressões, marcas de sua experiência que irão impregnar o texto no qual são/serão relatadas as notas de sua pesquisa, tornando assim, então seu trabalho inédito.

Produzo cartografia quando retorno na leitura de textos e os reinvento, redirecionando-os, pois não sou mais o mesmo de antes, vejo outras coisas, sigo por outros caminhos que não são mais os mesmos, "o cartógrafo é formado nas problematizações do mundo, nos desvios, nos lapsos, ali onde algo escapa ou onde não encontramos o que ansiamos encontrar" (POZZANA, 2014, p. 61). O *flâneur* indivíduo solitário por vontade que se perde em meio às multidões, onde se dissolve, se desfaz, na/com a qual se envolve, é só mais um andarilho que passa e experimenta, de um lugar distante, um cartógrafo não é a mesma coisa que um *flâneur*, ou um observador. Um cartógrafo flana, sem dúvida, mas está aberto a que lhe passem coisas, a ser aberto por forças de acontecimentos. Com essa força,

necessita produzir sentido, esboçar ideias para o território no qual se desloca e se reconstrói.

No processo de confecção de escrita deste texto, é como *flâneur* que me percebo, um indivíduo solitário não por vontade, mas que se perde/dissolve em meio às leituras que faz, das escritas errantes que produz, dos descaminhos/linhas de fuga que toma em meio ao percurso/processo de criação, dos olhares/observações que surgem perdidas, e que desviam a atenção a quase tudo, é um andarilhar por inúmeras sendas de onde, de umas vou catando artefatos e de outras vou deixando pegadas, ou ambas..

Faço um recorte em 2015, ao trabalho docente de um grupo de estudantes de um quinto ano do ensino fundamental de uma escola Estadual no bairro Fragata na cidade de Pelotas – RS que produzem textos epistolares, cartas manuscritas, que aparecem como uma técnica de ensino vigoroso, com a proposta de mitigar obstáculos existentes no aprender deste conjunto de estudantes.

A prática menor de escrita de cartas pessoais permite/possibilita trabalhar de um modo, onde o que interessa são os movimentos de construção das atividades escritas, posteriores leituras, das discussões, dos fatos de sua vida, seus apontamentos, seus conhecimentos permitindo desta forma, que cada um dos envolvidos se constitua a si mesmo, dando voz a suas palavras: permitindo que elas nasçam e se refiram a si próprios. É aqui que o menor se institui, e rompe com o estabelecido, com o que esta posto, pois cria movimentos distintos com cada grupo que se propõe trabalhar. A escrita que parte da experiência de si aliada ao método cartográfico de pesquisa provoca a construção de um olhar, uma narrativa sobre suas vidas. É um fazer-se sentir ao outro, uma escrita reservada e perene, "uma escrita silenciosa onde cada um imprime seus gestos, suas marcas, e pode chegar a uma escrita de si" (CAMPELLO, 2015).

Ao longo do percurso de desenvolvimento das atividades de correspondências com cartas como projeto de extensão, em 2014, e após, de pesquisa, 2015/16, houve a necessidade de ir além de atividades como redentoras de dificuldades de aprendizagem de meus alunos, mas como processo de formação mais amplo. Ao fazer este movimento e ajustar o foco investigativo, o de auxiliar gramaticalmente a escrita destes alunos ao qual me propus, percebi que não pretendo responder questionamentos acerca da aprendizagem deles, mas, sim cartografar o que ocorreu comigo na escrita desta dissertação em relação às escritas das cartas dos estudantes. Esta atividade é o que me faz pensar sobre minhas práticas pedagógicas, docência-professoralidade.

Quero, sim, como um *flâneur* caído, capturado em voo analisar os momentos subjetivos de formação ocorridos comigo enquanto docente, a partir do momento que me envolvi com a escrita da pesquisa. Só isso já é muito. Espero problematizar esta experiência, se precisar deixar questões em aberto, que fiquem, pois ao tempo certo serão respondidas, ou não. O que importa? Ao *flâneur* caído, o professor que pensa ser *flâneur*-cartógrafo-pesquisador que se inquieta e “*supone una experiencia de inmersión y de acción simultânea que atañe al saber, em la medida en que provoca y es provocada por la reflexión y el discurso*” (FARINA et al 2014, p. 154) que põe a pensar e produzir sentido aos seus atos, observa de um modo diferente suas práticas.

UMA PERSPECTIVA DISTINTA SOBRE O MÉTODO

O método cartográfico de pesquisa permite trabalhar de uma forma/modo, onde o que interessa mais é o processo do que os resultados. Os movimentos de construção das atividades, das discussões, o que se pensou em fazer, o que foi feito. “Cartografar é acompanhar um processo, e não representar um objeto” (KASTRUP, 2008, p. 469). A

proposta cartográfica de investigação não prestigia os fins em si, mas os meios, os fazeres por entre, não a conclusão. Deste modo, à prática menor de escrita de cartas pessoais permite/possibilita trabalhar de um modo, onde o que interessa são os movimentos de construção das atividades escritas, posteriores leituras, das discussões, dos fatos de sua vida, seus apontamentos, seus conhecimentos permitindo desta forma, que cada um dos envolvidos se constitua a si mesmo, dando voz a suas palavras. O que se estava produzindo nestes estudantes durante tal processo de escrita e leitura das cartas? O que neles movia-os a escrever? Era o desejo do professor-pesquisador com sua proposta didática, ou suas vontades, curiosidades. E quais seriam estas vontades, curiosidades?

Ao dar possibilidade de que “os instrumentos sejam forjados, re-situando-os sempre a partir do plano de relações que produz a pesquisa a partir de si mesmos” (CÉSAR et al, 2013, p. 359), é o escavar um túnel com as próprias mãos, e, em dado momento esbarrar em uma rocha, é preciso então desviar, seguir por outro caminho, mas não deixar para trás tudo o que se coletou, se produziu. É como na escrita desta pesquisa, a partir da construção dos conceitos que foram sendo absorvidos no processo de construção da dissertação, faço cartografia, pois escrevo, leio; e sempre que reescrevo sou outro, pois traço e as teço nas naveas do pensamento fazendo-as criar relações consigo mesmas. Teias, redes, rizomas, planos comuns, arranjos...

Na cartografia habitual, da ciência geográfica, temos no estudo e construção dos mapas seu ponto forte. Aprende-se inúmeras definições sobre escala, topografia, paisagens, localização, hidrografia, etc. para após, unir tais elementos em um croqui, uma carta topográfica, um mapa, e assim sabermos interpretar/ler tal documento. Na cartografia proposta por Foucault e Deleuze e Guattari, o procedimento cartográfico assume outra política. Apreende-se conceitos,

[1] Acesso aos textos: *O novo flâneur* (PASSOS et al, 2003) disponível em: <<http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/2%20-%20o%20novo%20flâneur.pdf>>; *O último suspiro do flâneur*. (SATURNINO, 2012); disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/saturnino-rodrigo-o-ultimo-suspiro-do-flaneur.pdf>> e *Homem da multidão e o flâneur no conto O homem da multidão* de Edgar Allan Poe de Massagli (2008), disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terroraxa/g_pdf/vol12/TRvol12f.pdf>. Textos acessados no mês de abril de 2016.

mas mergulha-se em outros campos. Na geografia dos afetos, sensibilidades, dos movimentos, das subjetividades, para poder assim, pensar sobre procedimentos de transformação que afetem/possibilitem implicações no individual e também no coletivo. Pesquisador e problema de pesquisa.

Para o cartógrafo a todo instante surgem pistas, trilhas, sendas, (ROLNIK, 1989, p. 65) “todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas”, que as possibilidades de fuga se apresentem. “[...] A cartografia não depende de um plano a executar, de um conjunto de competências a adquirir ou de uma lista de habilidades a aplicar em determinado campo pelo pesquisador” (FARINA, 2008, p. 9). Para isso, é necessário estar atento. Em silêncio, à espreita.

É aqui que declino o olhar sobre textos que tratam do conceito de *flâneur*, proposto na escrita de Baudelaire, tais como *O novo flâneur* (PASSOS et al, 2003), *O último suspiro do flâneur de Saturnino* (2012), *Homem da multidão e o flâneur no conto O homem da multidão* de Edgar Allan Poe de Massagli (2008)¹, e os apoximo silenciosamente, sem produzir ruídos ao que penso do ‘ser’ cartógrafo há este *flâneur* do poeta ao qual conjuro as habilidades do cartógrafo, pois ambos, observam, estão à espreita e, em silêncio, se dissolvem em meios as paisagens que habitam. Dou voz aos gorcejos do corvo de Poe, e também ao meu que pousa seu olhar sobre uma multidão que observa um corpo caído que desfalece, e à espreita observa esta multidão se dispersar e assim, e após, para poder se alimentar. É aqui que surge o professor-cartógrafo-andarilho, passante-cartógrafo-*flâneur*-professor, pássaro-cartógrafo-passante-*flâneur*, professor-*flâneur*-cartógrafo-pesquisador à espreita, se dissolvendo/diluindo em meios aos territórios/oceanos de passagem que surgem...

AMARRAÇÕES DAS REDES, DAS TEIAS, DO RIZOMA.

Este professor tem a possibilidade de inovar e pôr em ação uma prática educativa que poderia amenizar as dificuldades que encontra, no início de cada ano letivo em seus estudantes, aquisição da escrita e leitura de forma efetiva. Para Pereira et al (2012, p. 963) “inovar é ‘transformar a própria prática’ e relembramos que a fonte da inovação endógena é a prática reflexiva”. Este mesmo professor que em determinado momento observa sua turma de vinte e dois estudantes com faixa etária entre os dez e doze anos de idade, e diz que os mesmos têm dificuldades no ler e compreender o que escrevem, e que precisam ser sanadas. Em que medida o professor pode contribuir para potencializar a capacidade de escrita e leitura do ser aprendiz?

Ser cartógrafo não é algo que se define/produz a partir de percursos já gerados, de caminhos já seguidos, nem mesmo do uso de ferramentas ou utensílios específicos ou próprios para a pesquisa, pois toda pesquisa se torna nova quando se aprende a observar, assim como caçador que sai em busca da presa, sempre é uma caçada nova, mesmo que siga trilhas/rastros antigos. Ao cartógrafo a pesquisa vai se construindo, assim como ao caçador as pistas vão surgindo em trilhas novas ou velhas, e vão sendo seguidas. Assim como ao *flâneur* que deambula em meio à multidão e que aprendeu a se dissolver em meio a ela. Aprendeu a extrair dela material para contemplar. Vaga solitário, aprendendo cada detalhe do que observa sem ser percebido, sempre à espreita, assim como o caçador à espreita da presa, assim como o cartógrafo à espreita do que pode ser pista.

Uma escrita cartográfica pode nascer sem início, sem meio ou fim, sua leitura pode ocorrer do mesmo modo, mas a cada olhar ela se anuncia distinta, provoca uma nova reflexão, possibilitando assim, a cada leitura uma nova interpretação, uma nova caminhada por um caminho já composto, mas que se reconstrói a cada novo passo, sempre

possibilitando uma nova saída, sempre abrindo fendas pelos territórios já percorridos.

CONCLUSÕES DE UM PROFESSOR-FLÂNEUR-CARTÓGRAFO-PESQUISADOR...

Repenso minha prática. É aqui que possibilito transformar-me e provocar encontros com estes estudantes. Será que ao sair do quadro de giz, das práticas tradicionais de ensino-aprendizagem, inovar? Será que trago a possibilidade de escrita de modo efetivo, quando proponho a leitura de textos 'reais' a este grupo de estudantes, escritos por pares, com os mesmos erros com os quais eles estão acostumados a produzir os seus textos, com as mesmas dificuldades de interpretação que eles têm ao lerem? Será que lhes possibilito um encontro consigo mesmo? Será que crio linhas de fuga em seu modo cotidiano de aprender? Será que possibilito uma escrita real de si e para si? Aqui está plantada uma semente de dúvida...

O que importa para o cartógrafo não é tanto os resultados como os movimentos. É a aspiração de proporcionar a esses estudantes uma experiência que lhes atravessasse. Mude-os de algum modo, que lhes oportunize, quem sabe, encontros que talvez antes nunca tenham experienciados através do uso da escrita, através do uso da palavra que este professor-cartógrafo se reinventa. Pensando a palavra em Larrosa (2002) esta que nos determina que nos dá sentido em tudo que somos, e na forma como agimos, a vontade é esperar que tais estudantes deem um sentido próprio, seu sentido à palavra 'espera', seu sentido à palavra 'escrever'. Esperar que "o traço de uma mão amiga, impresso sobre as páginas, assegure o que há de mais doce na presença: reencontrar" (SÊNECA *apud* FOUCAULT, 1969, p.150).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia: inferno** / Dante Alighieri. Versão em prosa, notas, ilustrações e introdução por Helder L. S. da Rocha. Ilustrações de Gustave Doré, Sandro Botticelli e William Blake. – São Paulo, 1999.

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Editora Martin Claret. São Paulo, 2005.

BENJAMIN, Walter. **Parigi capitale del XIX secolo**. Torino: Einaudi, 1986.

CAMPELLO, Ronaldo Luís Goulart. FARINA, Cynthia. As cartas que escrevo... Uma escrita, várias linhas, uma prática de ensino **Revista Pedagógica** | v.17, n.35, maio/ago. 2015. 259-272. Disponível em: < <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/3114/1786> > acessado em 10/04/16.

CÉSAR, Janaína Mariano. SILVA, Fabio Herbert da. BICALHA, Pedro Paulo Gastalho de. O lugar do quantitativo na pesquisa cartográfica. **Fractal**, Ver. Psicol., v.25 – n.2, p.357-372, Maio/ago. 2013. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922013000200009&script=sci_arttext > acessado em 17/05/2015.

DELEUZE G. Abecedário de Gilles Deleuze. PARNET, A. V. Produzido e realizado: Pierre-André Boutang, Éditions Montparnasse, Paris. 1996. Disponível em: < <http://www.docspt.com/index.php?topic=16463.0> > Acessado em 12/11/15.

FARINA, Cynthia. **Arte e formação: uma cartografia da experiência estética atual**. In: Anais da 31ª Reunião da ANPED. Caxambu, 2008. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:y98tS1A3yGsJ:31reuniaio.anped.org.br/1trabalho/GE01-4014--Int.pdf+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> > acessado em 17/06/15

FARINA, C.; PEREIRA, M. V. **El tropiezo del investigador y la imagen que vê**. Percepción y saber. EccoS, São Paulo, n.33 p.143-156. Jan/abr. 2014. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/pdf/715/71531141009.pdf> > acessado em 16/05/16.

FOUCAULT, M. (1969). O que é um autor. In: **A escrita de si**. Lisboa: Verso, 1992.

GUATTARI, F.; ROLNIK S. **Micropolítica: cartografia do desejo**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

KASTRUP, V. O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção In: CASTRO, L. R. de; BESSET, V. L. (Orgs.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008, p.465-489. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v10n1/v10n1a07.pdf>> acessado em 30/08/2015.

LARROSA, Jorge. **Leer (y enseñar a leer) entre las lenguas.** Veinte fragmentos (y muchas preguntas) sobre lectura y plarulidad. Separata Revista Educación y **Pedagogia**. Vol. 18, 2006. Disponível em: < <http://aprendeonline.udea.edu.co/revistas/index.php/revistaey/article/view/19061/16284> > acessado em 05/08/16.

MASSAGLI, Sérgio Roberto. **Homem da multidão e o flâneur no conto “O homem da multidão” de Edgar Allan Poe.** In. Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários. Vol. 12, Junho, 2008. ISSN 1678-2054. pp. 55-65. Disponível em: http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol12/TRvol12f.pdf> Acesso em: abr. 2016.

PASSOS et al. **O novo flâneur.** In. Revista Eclética. No. 17. Julho/Dezembro, 2003, pp. 6-10. Portal PUC RIO Digital. <<http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/2%20%20o%20novo%20fl%C3%A2neur.pdf>> Acesso em: abr. 2016.

PEREIRA, M. V. **A estética da professoralidade:** um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor. São Paulo: PUCSP (Tese de Doutorado), 1996.

POZZANA, Laura. **A formação do cartógrafo é o mundo:** Corporificação e afetabilidade. In Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum/organizado por Eduardo Passos, Virginia Kastrup e Silvia Tedesco – Porto Alegre: Sulina, 2014. 310 p. (2).

ROLNIK, Suely: **Cartografia Sentimental,** Transformações contemporâneas do desejo, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

SATURNINO, Rodrigo. **O último suspiro do flâneur.** Universidade de Lisboa, 2012. In. Biblioteca online de ciências da comunicação. Livros Labcom. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/saturninorodrigo-o-ultimo-suspiro-do-flaneur.pdf>> Acesso em: abr. 2016

VASCONCELOS, Maria Helena Falcão de. **A escrita nômade de Clarice Lispector.** ALEGRAR nº04 - 2007 - ISSN 18085148. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:LhIVYROSMJ:www.alegrar.om.br/04/textos_A_04/03_escrita.pdf+&cd=6&hl=ptBR&ct=clnk&gl=br> acessado em 09/06/15.

VILELA, Carolina. **O que é um flâneur?** Belo Horizonte – MG. 09 de mar 2009. Disponível em: < <http://caroltsv.blogspot.com.br/2009/03/o-que-e-flaneur-o-termo-flaneur-vem-do.html> > acessado em 02/10/16